

# O Escotismo como Fator Educativo

Costuma-se definir o escotismo, como a educação da mocidade pelos métodos de Lord Baden Powell, o que exige, portanto, uma explicação desses métodos.

A razão de ser dessa definição falha está, a meu ver, no fato da maior parte dos livros que existem sobre o escotismo, se destinarem a pessoas já empolgadas pelo movimento e para quem, portanto, os métodos de formação moral, intelectual e física do "Chief Scout" já são conhecidos.

Direi de início que Baden Powell não criou um novo sistema educativo. Seu "gênio pedagógico" consistiu em procurar, em todo o mundo, sob todos os climas, os melhores métodos de formação de *Homens* e depois de os ter utilizado para a educação e formação das incomparáveis tropas de "scouts" do Exército Colonial Britânico, saber transformar esses mesmos métodos, com uma felicidade extraordinária, em um sistema educativo capaz de formar novas gerações de homens dignos da grandeza e das tradições de sua raça.

E' o próprio fundador do movimento quem faz profissão de fé desse ecletismo quando declara, que inspiraram seu método o irlandês Cuhulain, Pedro o Grande, os Zulus, os Maoris, os Pelles Vermelhas, Hahn, John Founds, William Smith, Thompson Setton, Dar Beard e muitos outros.

Junte-se a isto uma forte dose de inspiração—especialmente na formação moral, buscada nos princípios da Cavalaria Medieval e ter-se-á, então, uma noção do que venha a ser o escotismo e seu método educacional.

Não cabe aqui fazer uma exposição da teoria do escotismo, nem tão pouco uma relação de observações sobre a vida escoteira. No escotismo, a teoria não se separa da prática, donde se originou e aonde vai constantemente buscar novas forças e inspirações. Por outro lado, a prática do escotismo é tão rica, oferece aspectos tão diversos e sempre tão novos, que reuní-los e classificá-los representa um trabalho infundável. O escotismo abstrato ofereceria pouco interesse e o concreto o tem em demasia, para que se possa utilizar sua documentação numa exposição como esta. Penso ter evitado o duplo perigo de construir um modelo artificial e rígido, ou de estender-me demasiadamente em minúcias, interessantes, sem dúvida, porém prolixo, limitando-me a uma análise rápida dos métodos de formação moral do escotismo, de suas graduações técnicas e estendendo-me um pouco mais em suas relações com a educação física.

## I—O ESCOTISMO, MÉTODO DE FORMAÇÃO INTEGRAL

O que há nele de verdadeiramente empolgante para os meninos, é que os faz a finalidade e o meio de sua própria educação. Como diz Baden Powell, no "Livro do Chefe", o Escotismo ocupa-se do indivíduo e não da massa e, daí, o esforço de tornar cada um dos meninos individualmente feliz e socialmente útil, favorecendo a expansão de seus recursos físicos, intelectuais e morais. O desenvolvimento harmonioso da criança, tal é o fim do movimento, e é a própria criança que constitui o meio para atingi-lo.

Não faltam objeções teóricas contra esse "círculo" pedagógico; entretanto, a existência de 3.000.000 de escoteiros e a adoção do movimento em 90% dos países civilizados são talvez a melhor resposta aos argumentos livrescos.

As razões desse sucesso estão em que o escotismo confia em qualquer menino, seja qual for, venha de onde vier, para transformá-lo no próprio autor de seu aperfeiçoamento. Não visa este ou aquele aspecto abstrato da personalidade infantil, mas o ser integral, composto de atividade, afetividade e inteligência.

E' hoje um fato cabal e demonstrado que não se pode fracionar impunemente a educação. O intelectualismo puro, o desportismo puro ou o moralismo puro ruíram fragorosamente e entre nós, onde muito tempo se confundiu educação física com especialização desportiva, já se começa a formar uma corrente favorável ao combate das competições excessivas e espetaculares, como absurdas pelas conseqüências deploráveis que seus excessos físicos trazem à juventude.

Isto quanto ao aspecto físico do problema. Quanto ao da formação moral, a deserção em massa das obras ou associações onde ela é tentada, a partir dos 11 ou 12 anos de idade, é um fato geral e incontestável, contra o qual as autoridades espirituais de todos os credos têm procurado lutar sem sucesso aproveitável.

Toda iniciativa que se propõe reter a mocidade em agremiações onde a saída é livre, deve interessar seus membros e, para tanto, necessita falar à alma e ao corpo, mas em condições variáveis, segundo as capacidades físicas e intelectuais de cada um.

E' este, sem dúvida, um "leit-motiv" que não é próprio ao Escotismo, pois já tem foros de lugar comum na Educação Nova, cujos promotores procuram impor como um "mínimo", dando o direito ao título de Escola Ativa: a moradia no campo, o manualismo, a liberdade de trabalho intelectual, o "self-government" e a

auto-educação moral. Encontramos, igualmente, essa mesma preocupação de integração nos métodos modernos mais em voga, tais como o decroliano e o montessoriano, para só falarmos nos mais conhecidos.

Mas o sucesso completo, favorecido em parte pelas condições extra-escolares em que se processa, cabe, sem dúvida, ao Escotismo, nos países que o souberam aplicar e compreender (Inglaterra, França, Suíça e Portugal), tal como foi

idealizado pelo fundador do movimento e que não o transformaram em uma organização pré e para-militar, como acontece na Alemanha e na Itália, ou numa imitação grotesca da vida militar, como, infelizmente se nota, em geral entre nós.

Vejamos, rapidamente, como conseguiu vencer o Escotismo verdadeiro e como, a-pesar-das dificuldades que encontra—sua técnica só é praticada durante poucas horas por semana e deve sê-lo sem prejuízo da vida escolar e familiar—conseguiu afirmar-se como o método mais completo de Educação Integral.

## II—OS RAMOS DO ESCOTISMO OU SUA ESFERA DE AÇÃO

O Escotismo compreende três ramos que abrangem a vida do homem, como disse Baden Powell, dos 8 aos 80 anos.

O primeiro ramo é o dos lobinhos, que se destina aos meninos dos 8 aos 12 anos, si bem que se note uma tendência a admitir meninos de menos de 8 anos, transformando-o, assim, numa atividade de pré-escolar.

A rigor, o "lobismo" é o verdadeiro continuador, o continuador ideal dos métodos do "kindergarten" e Montessorianos.

O segundo ramo é o do "escotismo" propriamente dito e dedica-se aos rapazes dos 12 aos 17 anos e que, tecnicamente falando, são os verdadeiros "scouts".

Esta divisão, entretanto, oferece dificuldades de adaptação ao meio brasileiro e mesmo latino, notando-se entre nós uma tendência a limitar a idade do segundo ramo aos 16 anos, ao mesmo tempo que se recua a idade de entrada para os 11 e mesmo, às vezes, 10 anos.

Isto se explica pela diferença de meio e também em parte nos dá a razão pela qual o Escotismo entre nós não pôde atingir a eficiência que se nota na Inglaterra e na França.

Temos finalmente o terceiro ramo, dos "rovers" como os chama Baden Powell, dos 17 anos em diante. Em nossa nomenclatura técnica, ainda não chegamos a um acôrdo sôbre a tradução dêste termo. Na Federação Católica, os membros do terceiro ramo chamam-se "pioneiros", na U. E. B. denominam-se "escoteiros-seniores"; outras entidades chamam-nos "exploradores", "vanguardeiros", etc.

Constitue êste ramo um dos problemas mais sérios do movimento e pode-se dizer que ainda não há para os métodos a seguir aqui a mesma segurança dos aplicados aos lobinhos e escoteiros.

E' o problema da adolescência, em toda a sua complexidade fisiológica e psicológica, que desafia a argúcia dos Chefes Escoteiros e dos orientadores do movimento.

Do ponto de vista da educação física e tendo em conta os ensinamentos do "Metodo Francês", podemos pois fazer a seguinte equiparação:

Lobinhos—Correspondendo ao Ciclo Elementar, 1.º e 2.º graus.

Escoteiros—Ciclo Elementar, 3.º grau e 1.º grau do Ciclo Secundário.

Rovers—Ciclo Secundário, 2.º grau em diante.

Um ponto que convém entretanto salientar:—é verdade que existe também o ramo feminino do movimento: as "girl guides" inglesas, às quais correspondem nossas "bandeirantes"; entretanto, as duas entidades superiores do movimento, cuja sede é em Londres, desaconselham a educação em conjunto—entenda-se aqui a realização das reuniões ou instruções técnicas ou de ginástica em turmas mistas, o que já não acontece no Método Francês, onde, para os dois primeiros graus do Ciclo Elementar, as aulas são dadas em comum.

Não se veja nisso falta de unidade de vistas entre os dois ramos do movimento. Ela existe clara e inofensível e patente não só pelo fato do fundador do movimento presidir as duas Comissões Superiores e de Lady Baden Powell ser a "Guia em Chefe" do mundo, como também da tendência cada vez maior e bem desenvolvida entre nós de se entregar a chefia das alcatéias de lobinhos às chefes de Girl Guides que se especializam nesse ramo.

Seja-me lícito trazer um testemunho de experiência pessoal. Na Federação Católica, na região sob a minha direção técnica, todas as alcatéias de lobinhos dirigidas por chefes bandeirantes progredem e, infelizmente, já não se pode dizer o mesmo das que são dirigidas por chefes escoteiros.

A unidade do movimento é a *patrulha*, composta de 4 a 8 escoteiros e tendo por chefe um monitor escolhido nela própria pelos seus companheiros, com a aprovação do Chefe da Tropa. O monitor escolhe um sub-monitor. A patrulha constitui a "equipe" natural de todas as atividades e, para que haja aproveitamento, é mister não perder de vista a necessidade absoluta, vital, de sua homogeneidade física e intelectual.

Quatro patrulhas formam um grupo. O efetivo máximo para o grupo é de 32 escoteiros e cada grupo é dirigido por um chefe, auxiliado por um sub-chefe, ambos de mais de 20 anos e um "guia", escolhido entre os escoteiros.

Mais de um grupo forma uma Tropa e estas podem reunir-se em Associações, modelo vantajoso de organização, sobretudo no aspecto financeiro e administrativo.

Os "rovers" têm a mesma base de organização, apenas com a diferença de que a patrulha passa a chamar-se "equipe" e o conjunto destas, "clan", e que seus chefes devem ser maiores de 25 anos.

Cada ramo do movimento tem seu lema:

O dos lobinhos—O melhor possível!

O dos escoteiros—Sempre alerta!

O dos rovers—Servir.

E o programa verdadeiro do movimento pôde resumir-se pela reunião desses três lemas, como o fazemos ao investir um novo "rover":—Lembra-te que dever fazer "o melhor possível" de estar "sempre alerta", para "servir".

### III—FORMAÇÃO MORAL.

Baden Powell, tanto em seu livro "Scouting for Boys", como no "Guia do Chefe" (os dois livros textos do escotismo), afirma que uma organização como a nossa faltaria em grande parte à sua missão, si não desse a seus membros uma noção religiosa, insistindo na necessidade de fazer do sentimento o religioso do escoteiro, não uma religião de domingos e dias santos, mas um sentimento que deve perdurar toda a vida, ser vivido quotidianamente.

Neste, como em outros pontos, o fundador do movimento inspirou-se no desejo de não desprezar elemento algum passível de completar a formação integral de cada menino e, para esta, o sentimento religioso é o mais poderoso, pelo menos o mais importante, na ordem dos valores. E' raro que uma alma jovem se entusiasme duravelmente por um ideal, sem que surja uma atitude de admiração e de fervor religioso. Nessa atitude há, psicologicamente, uma

expectativa que se transformará em decepção, si o título divino dêsse ideal não for claramente percebido.

Não cabe aqui fazer análise do instinto religioso e das suas possibilidades educativas. Este problema é e será a "questio vexata" da educação. O que procurei foi apenas mostrar lealmente sua presença e dar uma explicação psicológica da razão de ser de sua inclusão no programa escoteiro.

Note-se entretanto, que êsse sentimento religioso é um meio indispensável e não um fim de educação escoteira e que seu aproveitamento obedece às mesmas regras que os demais métodos e técnicas adotados pelo Escotismo, sem que tenha maior preponderância que qualquer das outras atividades.

Além do aproveitamento do sentimento religioso, a formação moral do escoteiro concretiza-se no Código e na promessa. Não cabe aqui explicar como procuramos tornar as nossas dez leis realidades tangíveis ao espírito do menino. O método que dá mais resultado é o de procurar personificar cada um dos mandamentos do Código num dos vultos da História Pátria. Instintivamente o escoteiro, como todo menino, tem entusiasmo por uma determinada figura. A habilidade do chefe será adaptar à vida dêsse vulto a vida escoteira. Nosso Código é simples, compõe-se de dez artigos, todos êles de tendências positivas, indicando que o escoteiro é, e não o que deve ou não deve ser.

### IV—FORMAÇÃO TÉCNICA

O escotismo tem diversas graduações técnicas em seus vários ramos.

Para lobinho:—lobinho de 1 estrela; lobinho de 2 estrelas.

Para escoteiros:—Aspirante (antes de fazer a promessa); Novício; 2.ª classe; 1.ª classe e Escoteiro da Pátria (Escoteiro do Rei, na Inglaterra; Cavaleiro de França, na França).

Para "rovers", as mesmas graduações que para escoteiro.

### V—SEMPRE ALERTA

Lema fácil de dizer, difícil de cumprir quando se pensa em todas as responsabilidades que envolve: o "sempre alerta", e é o que se deve procurar incutir no espírito do menino, não é somente a resposta à saudação do chefe, não é somente o grito do escoteiro, mas um programa vasto, vastíssimo, que exige uma noção profunda de responsabilidade da promessa que se fez de estar "sempre alerta", tanto no moral, como no físico, para toda e qualquer eventualidade.

Vejamos pois, como preparamos nossos rapazes para viverem o seu lema "Sempre alerta", isto é, passemos em revista rápida os pontos fundamentais e métodos de formação escoteira.

## VI—OS JOGOS

Si é verdade que utilizamos o instinto religioso na formação moral dos escoteiros, é incontestável que esse instinto não representa tudo no escotismo, que é, na verdade, um grande jogo, como tão bem o exprime o fundador do movimento, quando diz aos chefes: "Procurem bem o que desejam ensinar aos meninos e depois inventem jogos para permitir que eles os aprendam".

Podemos dizer, com efeito, que é o instinto do jogo, ou melhor, os instintos juvenis que se manifestam sob a forma de jogo, que formam a base da educação escoteira, pois não há *técnica* que não possa ser ensinada por este método. Os jogos de "socorro" para ensinar a transportar um ferido imaginário, para tratar de um desmaio, de um caso de asfixia ou de um ferido; jogos de alpinismo ou de escalada, para ensinar a aplicação dos nós, fáceis de dar, resistentes e ao mesmo tempo fáceis de desatar; jogos de transmissão de mensagens por meio de sinais "Morse", luminosos ou auditivos, ou por meio de sinais de semáfora; jogos de ver sem ser visto e de aproximação, para aprender a arte de aproveitar o terreno e dos movimentos ágeis e silenciosos; jogo dos "contrários" ou do "Faz Favor", para educação da atenção e auto-controle; concurso de montagem de campo, de cozinha, para desenvolver o espírito de cooperação; jogo de Kim ou de Morgan, para desenvolver o espírito de observação, são alguns dos jogos educativos escoteiros, que se contam por centenas.

Notemos aqui que o escotismo apenas fez utilizar-se, adaptando ao seu meio, a grande idéia da Escola Nova relativa ao emprego do jogo para formação educativa da criança. A teoria exposta por Groos no "Die Spiele der Thiere" não tem mais adversários: si a criança brinca, não o faz para se distrair, nem para dissipar um excesso de vitalidade (Spencer), nem para desembaraçar-se de resíduos ancestrais (Stanley Hall), nem para se exibir, nem para imitar os adultos; é, pura e exclusivamente, para se exercitar, para se adestrar. O menino brinca, não porque é jovem, mas é jovem porque brinca. O jogo é para ele uma preparação indispensável às atividades futuras, o jogo é um pre-exercício.

Esta concepção genético-funcional do jogo, como a denominou Claparède no seu magistral estudo "Psychologie de l'enfant e Pédagogie expérimentale", nos dá uma explicação completa dessa atividade da criança: primeiro, porque o jogo é um estimulante do crescimento, seja favorecendo a mielinização da bainha de Schwann, ou ativando os centros nervosos que agem sobre os músculos, seja agindo diretamente sobre os músculos; segundo, permite compreender que pelo jogo, considerado como "ultra-exercício", pois o menino orienta-se no sentido do seu enriquecimento físico e intelectual, aumenta seus meios gerais de ação, o controle sobre si e sobre o mundo exterior... tende para o "novo", conservando o adquirido pelos jogos de "post-exercício". Ora, exatamente essas duas qualidades de jogos são amplamente utilizadas pelo escotismo, onde os jogos de aquisição e os jogos de revisão se alternam constantemente.

Mas a função "cardinal" do jogo, ainda segundo a expressão de Claparède, é realizar a síntese do presente e do futuro da criança, soldando a finalidade atual à finalidade funcional. O jogo não é nem a preparação exclusiva do futuro, nem a satisfação imediata de uma necessidade de atividade. É, sim, no fundo "a manifestação da tendência de todo ser a se desenvolver, a afirmar sua personalidade... uma verdadeira manifestação de querer viver". Este, o sentido profundo do jogo, é o escotismo é um campo privilegiado para tais experiências. "Os grandes jogos" escoteiros são, na maioria dos casos, "a perseguição livre de alvos fictícios". O escoteiro espreguiça, arrasta-se, esconde-se, salta, toma lenços, conquista bandeirolas, descobre objetos previamente escondidos, faz padiolas, escadas de corda, vai-vens através de braços de rio, nada, caminha, corre, dorme ao ar livre, *fazendo de conta* que a conquista dos troféus representa para ele um título sem par de glória, *fazendo de conta* que a lata de marmelada, ou o objeto escondido pelo chefe para prêmio da luta, é um saco de ouro ou de pedras preciosas; *fazendo de conta* que socorre realmente um acidentado, *fazendo de conta* que persegue ou é perseguido por um inimigo implacável. Para o escoteiro, mais que para toda outra criança, o jogo é o paraíso do "Faz de Conta", porque o Faz de Conta lhe permite realizar maravilhosas aventuras que a sensaboria da vida cidadina recusa, mas que sua personalidade reclama.

## VII—O DESENVOLVIMENTO FÍSICO

Do que expuzemos, torna-se fácil compreender o lugar ocupado pela educação física no escotismo: não se pode dizer que exista expressamente em parte alguma de seu programa, que forme uma de suas técnicas especiais. (salvo em alguns exercícios respiratórios e circulatórios aconselhados para a hora do despertar), mas é incontestável que esteja, por assim dizer, difundida em toda a vida escoteira. Caminhadas entremeadas de passo escoteiro (25 passos duplos andando e 25 correndo—permitindo percorrer dois quilômetros em 15 minutos), escaladas, ascensões, marchas através do mato, lutas de *scalp*. A todo instante, em toda a prática escoteira, encontramos os exercícios que dão agilidade e adestram o corpo sem provocar a fadiga excessiva, ou a estafa. Nenhuma preocupação de campeonato, mas tão somente atividades espontâneas, formando a mais completa e a melhor das ginásticas.

Quererá isso dizer que o escotismo condena a educação física? De forma alguma. Bem compreendido, o escotismo, ao lado de suas atividades técnicas, ou antes, dentro de sua técnica especial, fornece o melhor campo para uma grandiosa e constante aula de educação física vivida e aplicada.

No escotismo, não desprezamos ou condenamos formalmente os desportos. Os escoteiros devem mesmo praticá-los e nada é melhor, nem mais agradável do que, de quando em vez, levadas em conta as condições fisiológicas da tropa, um bom jogo de "foot-ball", de "volley" ou de "basket"; mas estes jogos de "team" são considerados pelo verdadeiro escotismo não como um fim, mas como um meio de encher agradavelmente um tempo livre durante o acampamento.

São bordados que se aplicam sobre um pano de fundo e esse pano de fundo da vida escoteira é o campo.

Vemos no campismo o melhor método de formação integral da mocidade e também um centro irradiador de saúde. Da mesma forma que, durante um ano todo, em nossas instruções de sede, preparamos os rapazes para esse polo da vida escoteira que é o campo de férias, ensinando-lhes a cozinhar, armar barracas, construir abrigos, podemos e devemos prepará-los por meio de um treinamento racional para a fadiga, pois o campo impõe a execução de uma série de atos que são uma verdadeira ginástica de aplicação: buscar água, cortar lenha, limpar terreno, cavar terra, transportar material, acender fogo, caminhar, tudo isto executado ao ar livre, na praia ou na montanha, busto e pernas nuas.

Segue-se a noite, passada sob a lona, de preferência em barracas individuais, ou, sinão, em barracas de três escoteiros que, quando o tempo o permite devem permanecer abertas, afim de que o ar puro do campo venha vivificar os pulmões que se estiolam na atmosfera viciada das grandes cidades.

O escotismo bem compreendido é pois a escola ideal de ginástica aplicada, como também a grande aula prática de que a escola pode e deve servir-se e, no Brasil, atingirá sua finalidade quando seus métodos forem verdadeiramente compreendidos e sinceramente aplicados, no dia em que deixar de ser uma caricatura da vida militar, no dia que o professorado brasileiro, essa *élite* formadora de *élites*, veja nêle o que realmente é, um colaborador precioso para a formação integral de *homens*, capaz de exercitar o menino a contar com suas próprias forças, a dar-lhe noção de responsabilidade, ensinando-o, ao mesmo tempo, a tirar o máximo partido dos recursos naturais e, sobretudo, a despertar-lhe um grande amor pela vida fora da cidade o que, para um país como o nosso, com uma densidade de 5 habitantes por quilômetro quadrado, pode-se tornar um fator primordial na futura grandeza da Pátria.